

Cristianismo digital *do it yourself*: de como se fabrica uma outra relação com o sagrado em tempos pós-pandêmicos¹

José Cardoso FERRÃO NETO²
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ

RESUMO

Este trabalho é uma análise de quatro podcasts produzidos nos EUA sobre conteúdo religioso cristão de teor progressista. Descreve situações vividas na produção dos programas, que são reveladoras de conexões possíveis entre a mídia e a religião, e constrói reflexões em torno dessas interposições. Para isso, utiliza a metodologia da História Cultural de desvendar o sentido dos discursos a partir dos espaços em branco e das marcas deixadas pelas textualidades. Toma como premissa o pensamento da Antropologia Cultural e da Escola de Comunicação de Toronto, segundo o qual os meios produzem efeitos nas mentalidades, na organização social e, por conseguinte, nas formas de relação com o sagrado. Ainda, exemplifica o argumento com o caso do moleiro Menocchio, personagem estudada por Carlo Ginsburg como figura de linguagem que guia a reflexão e deixa ler de que maneira novas cosmogonias e epistemologias da religião podem surgir influenciadas pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; religião; podcasts; cristianismo.

Introdução: Menocchio reaparece

Na década de 1970, o historiador cultural Carlo Ginsburg reescreveu a história de um moleiro do norte da Itália que desafiou a Inquisição no século XVI ao construir uma nova cosmogonia, urdida no encontro entre a tradição popular e os escritos dos reformadores. Diferente do que se supunha para um camponês da época, Menocchio, como era chamado, sabia ler e escrever. Inserido numa cultura predominantemente oral, teve acesso a uma literatura reformista que, em pouco tempo, desde a invenção dos tipos móveis, já se espalhara por boa parte do continente, no que Elisabeth Eisenstein (1980) considerou uma verdadeira revolução na vida material e simbólica dos europeus. E hoje sabemos, pelos historiadores culturais e também por Marshall McLuhan, que um meio de comunicação não precisa ser hegemônico para produzir efeitos sobre o indivíduo e a sociedade. Como sujeito de um tempo de inquietações e muita novidade tecnológica, acompanhada por irrupções igualmente arrojadas no campo metafísico, Menocchio foi

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Religiões do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Comunicação, Professor do Curso de Jornalismo da UFRRJ, email: ferrao@ufrj.br.

capaz de promover uma mistura alquímica de saberes, baseados em tipologias diferentes de leitura: a da natureza e a dos livros, o que deu origem a uma maneira sui generis de entender o mundo a sua volta: “um conjunto de ideias muito claras e consequentes, que vão do radicalismo religioso ao naturalismo tendencialmente científico, às aspirações utópicas de renovação social”. O moleiro da Renascença é uma espécie de metonímia construída por Ginsburg da circularidade da cultura, um termo que empresta de Mikhail Bakhtin para entender as múltiplas influências dos modos de comunicação na constituição das mentalidades. A personagem cria uma religião própria da fusão de crenças do cotidiano das classes populares com a sofisticação tecnológica trazida pelos impressos da época. Não se constitui como regra, não funda escola e nem mesmo influencia gerações. Mas existe como indivíduo historicamente localizado, a quem “a cultura oferece um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” e, assim, edifica um “estrato profundo de crenças populares substancialmente autônomas (e) irredutíveis a esquemas conhecidos”. (GINSBURG, 1987, p. 17-19).

“É um homem como nós, é um de nós”, afirma o historiador que se debruçou nos autos da inquisição, documentos escritos, para garimpar a existência de um indivíduo oralizado, porém transpassado pela revolução tecnológica da mídia impressa, seus conteúdos e sua potência de inaugurar novas práticas de ler e ver e alimentar ideias, sentimentos, fantasias e aspirações. “Emergiu assim um filtro, um crivo, que Menocchio interpôs conscientemente entre ele e os textos, obscuros ou ilustres, que lhe caíram nas mãos” (GINSBURG, 1987, p. 5, 6). As palavras do historiador remetem ao percurso solitário e autodidata da personagem que transcende os limites estabelecidos pela religião da época, num lugar onde o catolicismo já se mostrava extremamente refratário aos ventos reformistas que sopravam de norte a sul do continente, os quais combatia com todas as forças. Interessante perceber, na síntese que o autor faz da ação da personagem, o quão explosiva foi a união entre a prensa de Gutenberg e a Reforma de Lutero e seus contemporâneos para a constituição de novas mentalidades que se desenvolviam e ousavam se posicionar nas diferentes camadas sociais.

O que nos interessa aqui, como estudo da interseção entre Religião e Comunicação, todavia, é perceber a contemporaneidade da figura de Domenico Scandella, o popular Menocchio do Friuli italiano dos seiscentos, tornado objeto de investigação historiográfica e, agora, quatro séculos depois, figura de linguagem para o

entendimento de mais uma revolução tecnológica em curso e seus efeitos sobre as práticas de comunhão com o sagrado. Desta vez, o que está em pauta não são os caracteres de metal que deram vida às páginas e imprimiram a Bíblia de 42 linhas, o incunábulo que marcou o início da produção em massa de livros no Ocidente. Agora, os *bits* e *bites* da era digital fazem chegar letras, sons, imagens e design gráfico em velocidade frenética e, assim como a cultura dos impressos um dia protagonizou a industrialização, os zeros e uns combinados desencadeiam outras revoluções nos modos de pensar, de processar a informação e de construir novos entendimentos acerca da experiência humana no mundo. Urge, portanto, desvendar as “possibilidades latentes” da cultura das redes digitais, de sua arquitetura informacional, de seus vetores de transmissão e circulação de ideias, que contribuem para a emergência de outras cognições e formas de ser e estar no mundo. Ginsburg nos fornece algumas pistas:

“Dois grandes eventos históricos tornaram possível um caso como o de Menocchio: a invenção da imprensa e a Reforma. A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de ideias e fantasias que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores – mesmo não tendo conseguido dizer tudo diante do papa, dos cardeais e dos príncipes, como queria. As rupturas gigantescas determinadas pelo fim do monopólio dos letrados sobre a cultura escrita e do monopólio dos clérigos sobre as questões religiosas haviam criado uma situação nova, potencialmente explosiva” (GINSBURG, 1987, p. 24-25).

A citação acima dá a ler alguns pressupostos norteadores de uma reflexão possível em torno da relação entre mídia e religião. Antes de mais nada, é preciso desmistificar o perigo do chamado “determinismo tecnológico”, como se a experiência humana não fosse atravessada constantemente pela ingerência da tecnologia e dos meios, linguagens indispensáveis que são ao entendimento das relações entre os sujeitos e os universos material e simbólico³. Em seguida, é preciso localizar historicamente o ecossistema informacional em que um meio atua, ou seja, considerar sua inserção nos modos de produção da vida, típicos de um tempo e lugar. Os efeitos da impressão dos tipos móveis na sociedade europeia do século XVI estão obviamente distantes da atuação que exercem nas sociedades de hoje, assim como os *media* da contemporaneidade não repetem o mesmo padrão dos que os antecederam temporal e espacialmente. Muda-se o *medium* e, com ele, transforma-se também a relação com os textos, igualmente histórica, o que faz

³ Sobre o conceito de linguagem, cf. WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977, p. 21-44.

Carlo Ginsburg indagar: “Em que medida a cultura predominantemente oral daqueles leitores [do Seiscentos] interferia na fruição do texto, modificando-o, remodelando-o, chegando mesmo a alterar a sua natureza?” (1987, p. 22). A cultura é, portanto, elemento fundante da relação com o texto e dos sentidos que advêm deste encontro. Relevante, também, se torna a observação, pelas palavras do historiador, do quanto os meios de comunicação estão implicados na constituição das mentalidades, dos modos de ver a realidade, de construir imaginários, de gerir ideias, sentimentos e fantasias, enfim, de navegar pelos universos transcendente e imanente, estabelecendo uma infinidade de conexões entre os mundos. Por fim, a citação ainda permite refletir sobre a forte ingerência dos meios nos monopólios do saber e do conhecimento, quando as tecnologias são apropriadas de maneira diferente por grupos sociais distintos, uns mais próximos, outros mais distantes das esferas do poder⁴. Colocadas estas premissas ilustrativas de um percurso teórico-metodológico, chegou a hora de introduzirmos nosso objeto.

Alquimias perturbadoras: como sair do conforto

Nas andanças digitais pandêmicas do primeiro quartel do novo milênio, quando um vírus até então mortal ameaçava a vida e restringia o movimento dos corpos, era comum que crentes vasculhassem as redes sociais em busca de eventos litúrgicos e de invocação do sagrado, dos quais pudessem participar sem riscos de contaminação. Foi numa dessas escavações, num tocador de podcast, que um dia se deparou com um nome bem sugestivo: *Homebrewed Christianity*. Produzido pelo teólogo, filósofo e pastor norte-americano Tripp Fuller, o podcast se define da seguinte maneira:

Nosso objetivo é trazer a sabedoria da torre de marfim acadêmica até os seus fones de ouvido. Pense em cada episódio como um ingrediente auditivo para a composição da sua própria fé. A maioria dos episódios gira em torno de uma entrevista com um pesquisador, teólogo ou filósofo diferente⁵.

Tripp é figurinha carimbada no cenário cristão progressista do seu país, ao lado de gente como Brian McLaren, Richard Rohr, Diana Butler Bass, Peter Enns, Jared Byas, Iliá Delio, Nadia Bolz-Weber, William Paul Young, entre outros. Juntos, formam um

⁴ Sobre a relação entre mídia e monopólio do conhecimento, cf. INNIS, Harold. *Empire and Communications*. Oxford: Oxford University Press, 1950.

⁵ No original em inglês: “Our goal is to bring the wisdom of the academy’s ivory tower into your earbuds. Think of each episode as an audiological ingredient for you to brew your own faith. Most episodes center around an interview with a different scholar, theologian, or philosopher”.

clube seletivo de intelectuais e acadêmicos que têm debatido questões teológicas relevantes em publicações, retiros, palestras e todo tipo de encontro, presencial ou remoto. Mas é no universo dos podcasts que eles parecem apostar as maiores fichas, o que lhes têm garantido, dentre outras coisas, alcance global. No tom dialógico da mídia sonora, tiram a poeira dos livros e púlpitos e trazem à tona os mais variados tópicos: passagens bíblicas obscurecidas pelo tempo e a tradição, novas referências ao estudo de um tema, hermenêuticas avançadas que incluem questões contemporâneas, críticas contundentes ao fundamentalismo e ao literalismo e a promoção de cursos e eventos de formação e reflexão.

Os encontros são oportunidades de ressignificação de um cristianismo que, em tempos de neofascismos e pós-verdades, se vê desafiado a redefinir-se, questionar-se e buscar novos rumos, em escala global. É uma gente inquieta, incomodada, ainda que às vezes pareça estar brincando de dialética, sentada numa poltrona com uma xícara de chá ao lado e falando o que vem à mente, em meio a descontrações, piadas cheias de duplo sentido, expressões carregadas de sarcasmo e algumas gargalhadas. O clima, na maioria das vezes, é de bate-papo na cantina da universidade, onde, dependendo de quem estiver na roda, a conversa traz discussões e posicionamentos nada banais, como a sacralidade dos textos literários de autores afro-americanos; a decisão de continuar ou não na igreja depois de uma revisão histórica e rigorosa da instituição religiosa; a desmistificação do direito divino dos monarcas hebreus, frente a uma releitura marxista das sociedades da época, e por aí vai...

Homebrewed Christianity, de Tripp Fuller, começou em 2008, quando seu autor era estudante de teologia. O programa se gaba de contar mais de 5 milhões de downloads de conversas teológicas, em cerca de 1.500 episódios. Já houve quem o considerasse “o vovô do podcast”. Tripp conta que, na época em que deu início ao HC, as cervejas artesanais estavam “bombando”: “As pessoas aprendiam que se podia tomar cerveja que tinha sabor, todo tipo de cerveja, de diferentes estilos, de diferentes partes do mundo e possíveis de diferentes combinações”. Daí veio a metáfora de um cristianismo *faça você mesmo*, fabricado caseira e artesanalmente, impulsionado pela escuta e navegação do podcast.

Em 05 de abril de 2023, Tripp publicou uma entrevista que fez junto com a historiadora da igreja Diana Butler Bless durante uma conferência com a freira franciscana Ilia Delio, cientista, professora da Villanova University e autora de mais de

17 livros. Na introdução do episódio, reconhece que o programa é coisa de “nerd” teológico, mas diz tudo numa linguagem descolada, ritmada por uma trilha em BG de som de guitarra alucinada, que faz lembrar os apresentadores da antiga MTV. “Acredite ou não, a versão dominante do Cristianismo e dos EUA é bem parecida com uma cerveja fraca e ruim”, e, por isso, o podcast: pra que as pessoas posam “pensar, refletir e fabricar sua própria fé”. O convite vai além: é preciso desestabilizar, atrapalhar, quebrar pressuposições engessadas que não servem mais, romper os odres velhos para que se criem recipientes adequados para o vinho novo. É neste sentido que Ilia Delio conduz sua fala no episódio:

“Onde quer que Deus esteja, não haverá apenas harmonia e paz. Há perturbação... Jesus é o grande perturbador. É sobre romper com as coisas e enxergar de outra maneira. A gente precisa ver de outra maneira. A perturbação nos leva a ver de outra maneira. E é este o verdadeiro sentido da religião, a propósito. O poder de Deus funciona assim: não se acomode demais. Não pare por aqui. Coisas novas estão acontecendo e você tem que conseguir enxergar o que está surgindo e atravessando as nossas vidas neste mundo”⁶.

Este convite a um cristianismo perturbador encontra correlação na plataforma que o abriga, o que nos leva a pensar o podcasting também como ferramenta que chega para ajudar a desestabilizar, por um lado, e a reformatar, por outro. Perturbar, aqui, pode ter várias nuances: 1) oferecer acesso a conteúdos, que extrapole as limitações de tempo, espaço e memória: de tempo, porque permite se conectar às textualidades em outro momento diferente daquele em que se deu o encontro original; de espaço, porque não se restringe aos ritos presenciais (a missa, o culto, a palestra, o curso...) e de memória, porque o conteúdo está armazenado para audições e leituras posteriores, que ensejam novas práticas de produção de sentido; 2) conversar numa linguagem nova, com envolvimento e criação de vínculos, que se dão no retorno constante ao podcast em busca de novos episódios que, por sua vez, fazem referência a outros podcasts, uma vez que operam em rede. A linguagem do áudio é um composto das materialidades da palavra falada, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que se conjugam para criar efeito semântico e estético, de grande potencial comunicativo e expressivo; 3) deixar o habitat das especialidades, dos confinamentos e das relações verticalizadas e fazer combinar

⁶ Trecho da fala da entrevistada Ilia Delio no episódio do podcast em questão. No original em inglês: “Wherever there is God, there is not like just peaceful harmony. There is disruption... Jesus is the great disrupter. It’s about breaking in and seeing it in a new way. You have to see in a new way. Disruption causes us to see in a new way. That’s the whole point of religion, by the way, of God... The God power is like: don’t get too comfortable. Don’t settle in here. New things are happening and you have to be able to see what is emerging in and through our lives in this world”.

vozes, ideias, *backgrounds*, repertórios e trajetórias, que chegam até o ouvinte de lugares variados da rede de comunicação digital. A lógica das redes é capaz de perturbar as velhas instituições da política, da escola, do trabalho, para citar apenas três, e de obrigá-las a se reinventar a cada dia. A religião construída vertical e analogicamente não pode mais resistir à perturbação do processamento digitalizado da fé e da relação humana com o sagrado. O que a era digital trouxe, junto com muitas transformações, é a possibilidade de se refazer na linguagem, uma vez que os meios são linguagens (McLUHAN, 1964). Deus é linguagem, o Espírito é linguagem, a fé é linguagem e a religião também. A rede digital aponta a diferentes trajetórias que vêm e vão sem prognóstico ou direção definidas, a exemplo do “Espírito que sopra onde quer”, para usar de uma metáfora bíblica. Os produtores desses podcasts progressistas norte-americanos parecem advogar uma mudança no cristianismo que se assemelha à lógica da rede digital. Religião é relação, e trazer de volta a característica relacional da religião num ecossistema de rede é entender a gramática do meio que permite navegar na fluidez das conexões, que se recriam e se expandem para além do que foi traçado. A própria divindade parece diluída nos múltiplos intercâmbios que tal processamento da informação parece empreender.

A religião como processo: dos estatismos às transformações

“Você está ouvindo *Fé para Pessoas Normais*, o único podcast ordenado por Deus na internet”. É exatamente com essas palavras que os apresentadores Peter Enns e Jared Byas dão início a mais um programa dedicado às questões da fé na contemporaneidade. Enns é teólogo e hermeneuta e Byas um ex-professor de filosofia que se denomina um *choctaw*, descendente de uma tribo nativa norte-americana. No dia 04 de maio de 2023, eles conversam com a escritora e ensaísta Kaitlin Curtice. O título do episódio da vez é *Uma Nova Visão para a Vida Espiritual*. O papo é sobre resistência e luta contra o que a autora chama de “o *status quo* colonial tóxico”. Curtice narra sua trajetória numa igreja batista do sul dos EUA, doutrinada nas regras, no medo e na necessidade de segurança mais do que na curiosidade pelas coisas, onde a realidade transcendente, o invisível e o imaginário se sobrepunham a questões ligadas ao corpo e ao mundo da experiência concreta. A conversa avança com o relato de novas descobertas que levaram a autora a questionar a estrutura religiosa em que cresceu, a desaprender, a sentir-se insegura e vulnerável, a duvidar de certezas anteriormente forçadas, até cair na tão comentada *process theology*, a queridinha dos podcasters. Este caminho epistêmico pode ser

entendido como um conjunto de “processos dinâmicos de tornar-se e de mudança contínua (...), nos quais “a existência é compreendida na interação mútua das entidades, através das quais ocorre a transformação” (ARMENTROUT & SLOCUM, 2000).

O que nos interessa aqui é menos a validação de uma corrente de pensamento e mais o sentido que ela adquire no contexto midiático onde atua. A referência constante nos podcasts religiosos progressistas à chamada *teologia do processo* encontra relação com a própria natureza do hipertexto como ambiência de processos criativos que acontecem em condição de possibilidade, no devir dos percursos informacionais. Assim como a concepção de Deus e do universo como entidades cambiantes, que abala o próprio entendimento da igreja como instituição infalível, rígida e perene, a estrutura do hipertexto trabalha em direções contrárias à fixidez de qualquer suporte material da informação que se caracterize como obra fechada, de começo, meio e fim bem definidos. O saber e o conhecimento construídos na navegação em redes digitais não obedece a estruturas fixas, centralizadas e prontas, ainda que haja um design de interface que tente apontar caminhos e regular as buscas. Eles se fazem na andança, sujeita às vicissitudes do caminho, à valorização das perguntas em detrimento da certeza das respostas, sujeitas antes à lógica da contingência do que da permanência, da interpretação mais do que da afirmação, num trabalho hermenêutico constante de desconstrução e reconstrução de sentidos.

A decolonialidade (...) implica o reconhecimento e o desmonte de estruturas hierárquicas de raça, gênero, patriarcado hétero e classe, que continuam a controlar a vida, o conhecimento, a espiritualidade e o pensamento, estruturas que estão claramente interligadas com e são constitutivas do capitalismo global e a modernidade ocidental (WALSH, 2018)⁷.

No bojo da discussão, outro tema caro a esses podcasts é o do pensamento decolonial, já apontado pela entrevistada do episódio escolhido de *Faith For Normal People*, a escritora Kaitlin Curtice. A força da nova episteme – não tão nova assim, diga-se de passagem, considerando as lutas de séculos contra a dominação colonial – está justamente no deslocamento do eixo de controle exercido por um centro dominador. É preciso operar uma diluição do poder até as margens e periferias do sistema, fazer com que se transmute em vários poderes, que encontre resistências e revoltas. O cenário

⁷ No original em inglês: “Decoloniality (...) implies the recognition and undoing of the hierarchical structures of race, gender, heteropatriarchy, and class that continue to control life, knowledge, spirituality, and thought, structures that are clearly intertwined with and constitutive of global capitalism and Western modernity” (tradução nossa).

religioso progressista e seus gurus, quando encontram o *medium* podcast, acabam por posicionar-se, mais uma vez, na gramática das redes, nas quais a informação se dilui, multiplica, expande e se refaz. O resultado desta dinâmica, na interseção entre religião e mídia, pode estar na mudança de perspectiva a respeito do sagrado, visto agora como uma composição plural de saberes e práticas interconectadas, de minorias que se comunicam, de histórias de vida e experiência que se entrecruzam, como nas vias de informação digital.

Os Desconstrucionistas: quando a inspiração vem da tribo

O convidado de 10 de julho de 2023 do podcast *The Deconstructionists* tem um currículo extenso, lido em voz alta pelo apresentador no início do episódio, que mostra que o entrevistado vem da tal “torre de marfim” da teologia. O tema da conversa é a espiritualidade dos povos originários da América do Norte e suas interseções com o cristianismo. O professor de Religião e Política Americanas, Dr. Chris Hoklotubbe, é mais uma das personagens muito comuns nesses podcasts, que cresceram em comunidades cristãs tradicionais e, com o tempo e a experiência, incorporaram outras visões de mundo às suas crenças, pregações, comportamentos, perspectivas e trabalhos. O que ele explicita na fala que dedica ao podcast é a urdidura de um tipo de pensamento revisionista e ao mesmo tempo desconstrucionista da colonização das Américas, desde a necessidade de se reentender o papel dos conquistadores até o chamado à reconstrução da narrativa que se firmou, ao longo da história de seu país, sobre os povos originários. Hoklotubbe conta, por exemplo, de que maneira a canção que abre o filme *Pocahontas* é reveladora do que está por trás da empresa puritana de conquista do território e subjugação dos povos nativos.

[A música] capta muito do que foi esse espírito, certo? Essa doutrina do “espírito descobridor” [segundo a qual] qualquer terra que é habitada por povos indígenas, pelo fato de não serem cristãos, pode ser possuída, tomada e extraída para o benefício de uns, às custas de outros⁸...

Um pedaço curioso da entrevista é quando o pesquisador exemplifica o olhar do aborígene sobre a vida, através de trechos de mitos da criação do mundo. Hoklotubbe

⁸ No original em inglês: “This captures a lot of that spirit, right? This doctrine of the “discovery spirit” that any land that is inhabited by indigenous people, because they are not Christians, can just be possessed, and can be taken, and extracted (...) for the sake of benefiting someone at the expense of the others...”.

observa que, em muitas das histórias, “os animais foram criados primeiro e os humanos são, frequentemente, os seres dignos de compaixão”. A partir daí, o raciocínio se inverte: “Há inúmeras histórias em que os animais sentem tanta pena dos humanos que eles formam um conselho e decidem: ‘Deveríamos permitir que esses humanos nos cacem e nos comam, para que possam sobreviver’”. O problema é que os humanos passam a caçar e matar além da conta, o que faz com que os animais, novamente em conselho, decidam criar doenças para frear a pulsão destruidora dos humanos. É quando as plantas intervêm e, depois de se aconselharem também, optam por oferecer à raça humana os remédios necessários para a sobrevivência. “O princípio essencial a que tudo isso se conecta é a noção de harmonia e de viver a relação correta com todas essas pessoas (sic) não humanas, com as quais você precisa manter equilíbrio”. O pensamento se constitui numa virada de raciocínio e, quando é colocado na roda de conversa, é capaz de mexer com estruturas narrativas herdadas e insistentemente trabalhadas ao longo dos séculos de colonização pelas vertentes cristãs conservadoras, segundo as quais os fiéis são comissionados por Deus para a exploração e a dominação dos ecossistemas e das populações que neles vivem.

O episódio é uma aula sobre as mídias da tradição oral e sua influência na gestão do corpo, das formas de organização social, da memória coletiva e de uma espiritualidade altamente conectada com a natureza e os ciclos de vida que dela dependem. Questiona, com isso, todo um arcabouço desenvolvido no bojo do cristianismo ocidental, transplantado às colônias americanas que, principalmente a partir da primeira modernidade, ganha força missionário-conquistadora e, qual uma grande mídia, interfere nas formas de organização social dos povos conquistados, estabelece regimes de escravidão, impõe um cristianismo à força e insere fissuras danosas no tecido social, na economia e no imaginário das populações. O diálogo inter-religioso é retomado como experiência de “desconstrução e reconstrução” de narrativas, mas mais ainda como trabalho de restabelecimento de vínculos entre diferentes manifestações do sagrado, que passa a criar interseções antes impossíveis ou inconcebíveis. Tudo isso no ápice da comunicação em rede midiaticizada pela técnica, que parece ser um arremedo dos novos tempos para as ligações mais antigas entre o humano e a natureza, o ser e Deus, Deus e a Criação. O *modus operandi* da comunhão e da relação, que define tanto a experiência da comunicação quanto a do sagrado, apesar de tão antigo quanto caminhar em pé, reaparece e ganha força, aliado a uma revolução midiática que intensifica a oralização das práticas

sagradas, que se dão na presentificação do tempo, na compressão do espaço e no saber construído na base do intercâmbio cada vez mais facilitado pela tecnologia. Ao mergulhar na espiritualidade do Outro para, a partir dela, retomar e questionar a própria relação com o sagrado, abre-se uma (nova) perspectiva ao mundo religioso, que a pós-modernidade veio implantar como forma de retribalizar-se (MAFFESOLI, 1998) e retomar interações que sempre marcaram a dinâmica cultural dos povos oralizados. Ao confrontar-se com essa outra racionalidade da tradição, a pessoa que teve a religiosidade edificada nas palavras escrita e impressa como mecanismos de poder é obrigada a repensar-se nas estruturas mais fundamentais da sua fé e de sua postura moral, ética e política. A escrita e a impressão, que fizeram nascer o indivíduo, segundo os pensadores da Escola de Toronto, deram-lhe a audácia para buscar o próprio conhecimento, permitiram-lhe organizar e sistematizar suas formas de culto e difundi-las mundo afora, hoje parecem não dar mais conta de preencher os anseios humanos por mais conexão, por outras interfaces, ainda que elas não lhe garantam mais comunhão.

Uma retribalização digital?

No segundo episódio da quarta temporada de *Learning How to See*, um podcast do escritor Brian McLaren, ele e mais três colegas ligados ao *Center for Action and Contemplation* respondem a perguntas de ouvintes e internautas sobre a relação que têm com suas comunidades de fé. Uma senhora de 62 anos relata, por e-mail endereçado aos produtores do podcast, a dificuldade em continuar na igreja católica, após anos de dedicação como ministra da eucarística, leitora e cantora de missa, professora de ensino religioso e membro de vários comitês da instituição. Um paradoxo aparente marca a fala da ouvinte: “Nos últimos anos”, ela conta, “apesar de minha fé pessoal no divino ter crescido cada vez mais, comecei a questionar o patriarcado, a hipocrisia dos escândalos sexuais e as barreiras que eu vejo no catolicismo”. Dentre os obstáculos que ela aponta, está a exclusão do neto da comunhão espiritual, depois de ter anunciado que era gay. O debate entre o apresentador e os convidados acerca do teor da correspondência da ouvinte passa por discussões do tipo “questionar faz parte do tornar-se adulto”, com exemplos da vida de São João da Cruz e do próprio Cristo. Sobre este, o apresentador cita o trecho do Evangelho em que Jesus se levanta diante da comunidade religiosa e reafirma sua autoridade sobre o texto sagrado: “Está escrito. Mas eu digo...”. Brian McLaren, então, interpreta o versículo bíblico da seguinte maneira: “Num certo sentido, o que Jesus está

dizendo é: ‘Tenho permissão para desafiar pressupostos compartilhados por minha comunidade’”. A conversa se encaminha para a conclusão de que a ouvinte em questão não é a única; que há uma verdadeira “tribo de exilados errantes”, órfãos de igrejas, que têm feito dos podcasts um novo instrumento de conexão com o sagrado:

Eu tenho a sensação de que esta é uma das coisas que os podcasts estão fazendo para as pessoas que estão espalhadas por tantos lugares diferentes. Elas ouvem um podcast e pensam: ‘Faço parte desta conversa. Isto faz sentido para mim. Estou tão feliz de poder escutar clandestinamente isso, porque esta é a conversa de que eu preciso participar’. Frequentemente, eu chego a achar que aquilo que Martin Lutero fez de pregar as 95 teses na porta da Igreja de Wittenberg está acontecendo com os podcasts por todos os lugares, agora⁹.

Os podcasts [progressistas], na visão do apresentador, têm se mostrado verdadeiros catalisadores de novas conexões em torno do sagrado. Chamam à participação dos ouvintes, porque, assim como o rádio e a TV compõem um espectro midiático carregados de índices de oralidade, os podcasts também dão lugar à materialidade da voz dos corpos dos intérpretes, de onde o som ecoante se espalha, numa tipologia de comunicação marcada pela simulação de interação entre falante e ouvinte, que comumente se dá no mundo concreto. Quando o apresentador imagina a ouvinte dizer que “esta é a conversa de que eu preciso participar”, ele sinaliza uma situação de oralidade atravessada pela tecnologia, em que se forma uma roda de conversação todo-inclusiva. Seja na dispersão pelo espaço geográfico; na impossibilidade de se congregarem porque um vírus mortal assola o planeta; na incompatibilidade de ideias que foram se atualizando com o avanço do tempo e da História; na necessidade de interlocução, quando já se perdeu a convicção sobre o pertencimento a uma determinada comunidade religiosa, o mundo dos podcasts se oferece como recurso midiático oportuno ao resgate de uma relação com o sagrado, que, de agora em diante, ganha nova mediação e novas produções de sentido. Assim, é altamente simbólica a expressão de Tripp Fuller, o “vovô dos podcasts progressistas dos EUA”, que propõe “trazer a sabedoria da torre de marfim acadêmica até os ouvidos” do público. Há gentes dispostas a me falar, a estabelecer uma relação comigo,

⁹ Transcrição da fala do apresentador Brian McLaren no Episódio 12 da 4a. temporada de *Learning How To See*. No original em inglês: “I have a feeling that’s one of the things that podcasts are doing for people spread out in so many different places. They listen to a podcast, and they think, “I’m part of this conversation. This makes sense to me. I’m so glad I can eavesdrop on this, because this is the conversation I need to be part of.” I often think that what Martin Luther’s 95 Theses that he ostensibly nailed to the door of the Wittenberg Church, that work is happening in podcasts all over the place now”.

a traduzir em som para mim questões de fé que ficaram obscurecidas, envelheceram ou esclerosaram, mas que hoje pedem revisão e restauração. Pessoas que, apesar de pertencerem ao restrito universo acadêmico, respeitam meus horários, já que posso adequar o tempo e o lugar da audição dos programas conforme minha necessidade ou desejo, uma vez que a plataforma é capaz de estocar os dados para uso futuro. Uma gente que caminha comigo, já que a portabilidade dos dispositivos móveis me permite carregar também o podcast para onde eu for. Pessoas dispostas a me ouvir, quando insistem na minha participação através dos vários canais de comunicação que franquearam aos ouvintes, nas redes sociais. Sem dúvida, é um ambiente midiático-religioso extremamente convidativo e inovador.

A ilustração sobre o Reformador proposta por Brian McLaren é interessante, quando confere aos podcasts uma função parecida com a pregação das 95 teses na porta da igreja alemã, no que ficou conhecido como o pontapé da reforma luterana. Mais uma vez, a função mnemotécnica do *medium*, que permite acumular informação e colecionar conteúdos, facilita ao ouvinte-internauta transitar de um episódio a outro, de um podcast a outro, e construir um repertório próprio, uma religião *à la carte*, mais individualista talvez, adaptada aos novos anseios de quem um dia se indispôs com o *status quo* da igreja analógica e caiu na rede de conteúdos espirituais alternativos. É vinho novo disputando odres velhos. Os podcasts progressistas, embora tenham apresentadores/âncoras que são donos dos produtos que criaram, adotam uma postura nada verticalizada e, assim como a própria estrutura do hipertexto no qual estão inseridos, constituem uma cadeia ininterrupta de formatos e conteúdos que se atravessam, a exemplo das personalidades que estão por trás do microfone e que também se frequentam nas playlists dos amigos. Forma-se, então, uma rede (ou seria uma bolha?) de *digital influencers* do sagrado, incessantes trocadores de figurinhas que, ao fazê-lo, reavivam algumas ideias, aniquilam outras e restauram muitas.

Os apresentadores com frequência trazem de volta um passado tradicionalista, conservador, igrejeiro, contam como mudaram a visão das coisas e atualizam discussões teológicas desse passado com referências do presente. As conversas são um verdadeiro trabalho de atualização memorialística das relações com o sagrado e os atravessamentos que marcaram essas vivências. O espectro dos convidados é amplo: mulheres pretas lésbicas falam de *womanist theology*; freiras e padres alternativos ressuscitam uma espécie de ecoteologia franciscana e advogam um novo olhar para a religião em

consonância com a ciência; lideranças espirituais contam como redescobriram a teologia da libertação para combater o racismo, a homofobia e demais opressões; escritores e acadêmicos ressuscitam um misticismo que parecia perdido e defendem a retomada da vida contemplativa. O conteúdo progressista dos novos podcasts norte-americanos é amplo. A cada episódio, em meio a discussões acaloradas, refaz-se o entendimento da igreja, da religião e do sentido da existência. Os assuntos variadíssimos se acumulam em arquivos de áudio disponíveis nos principais tocadores e formam uma midiateca digital inigualável.

Uma audição atenta de episódios de podcasts norte-americanos de conteúdo progressista, que começou no período pandêmico e se estende até o presente, tem sido capaz de revelar marcas nas textualidades oralizadas de um novo cristianismo possível, gestado nas plataformas digitais da contemporaneidade. Mais ainda do que entrar em contato com novas discussões de temas antigos, atuais ou reatualizados, tem-se podido perceber o quanto a tecnologia digital vem atravessando o pensar e o fazer teológicos, a ponto de gerar ontologias, éticas e cosmovisões extremamente coerentes com a historicidade dos novos tempos. Os espaços em branco dos discursos, perceptíveis quando se define a priori o objeto, qual seja, a mídia e a religião, tornam-se reveladores de como o meio ainda é a mensagem e de que maneira a comunicação digital em rede tem abalizado a relação do ser humano com o sagrado.

O que as inúmeras horas de escuta e análise de podcasts cristãos progressistas têm mostrado, desde que se iniciou a empreitada há cerca de três anos, durante o auge da pandemia de COVID-19, foi, acima de tudo, o potencial da informação e expressão urdidas na digitalização tecnológica de mexer com as estruturas de ligação do ser humano com a religião, até então fortemente marcadas por um *modus operandi* herdado de uma modernidade já longínqua, analógica e, portanto, compartimentalizada. Seria ingênuo pensar que a lógica das redes, consolidada nas primeiras décadas do novo milênio, fosse deixar imune alguns ecossistemas religiosos, sem que estes renovassem sua percepção de mundo e o sentido que conferem à experiência. As falas de apresentadores e convidados para os bate-papos dos podcasts trazem consigo indícios da presença da tecnologia na configuração do pensamento e da práxis cotidiana, num tempo histórico marcado por novas formas de interação. O que é a religião senão um compasso de sociabilidades?

Conclusão:

Um Menocchio digital e pós-pandêmico, produtor de cerveja artesanal? Em que medida a metáfora continua válida, após este percurso reflexivo e ensaístico? Ou “que relevância podem ter, num plano geral, as ideias e crenças de um indivíduo único em relação aos do seu nível social?”, pergunta Carlo Ginsburg, quando justifica a validade de Menocchio como condição de possibilidade de uma outra relação com o mundo, a experiência e o sagrado atravessados pela mídia. “Em poucas palavras, mesmo um caso-limite (e Menocchio com certeza o é) pode se revelar representativo” (1987, p. 18, 20). Transposta a figura de linguagem para a contemporaneidade, guardadas as devidas contextualizações e transformações históricas, estaríamos vivenciando a composição de um novo Menocchio, igualmente audacioso e desta vez digital?

Parece não haver dúvida quanto às marcas da nova tecnologia na composição dos discursos. Os exemplos empregados aqui, retirados e analisados de quatro podcasts cristãos progressistas, produzidos nos EUA, parecem corroborar com a ideia de que os efeitos de um meio de comunicação extrapolam os conteúdos que veiculam. Há algo da própria lógica de funcionamento das mídias que participa na estruturação das narrativas, que lhe empresta uma certa racionalidade, um *modus operandi*, que atinge sua essência cosmológica e sua definição. A história das religiões é exemplar neste sentido. O protestantismo é filho das oficinas impressoras que inauguraram a industrialização e a produção em massa, veiculou conteúdos nas línguas vernáculas, permitiu a comparação dos textos, conferiu-lhes o acesso universalizado e, de alguma maneira, os dessacralizou. Os rituais dos povos originários e afrodescendentes ainda fazem sentido porque se dão nas práticas oralizadas de transmissão de um saber que vem pela voz e os gestos e que chama à presença corporal e sinestésica de falante e ouvinte. Menocchio, a personagem de Ginsburg, soube transmutar tudo isso, alquimizar os ingredientes e construir uma religiosidade nova, para não dizer inusitada. Mas são as ferramentas tecnológicas, esses utensílios midiáticos, que fazem um Mecnocchio existir, porque o humano só existe na linguagem.

A personagem da Renascença retorna na pós-modernidade, em mais uma época de grandes revoluções na tecnologia da comunicação, para mostrar as condições de possibilidade de se construir uma religião e cosmogonia próprias, auxiliadas pela

tecnologia. Mas isto não acontece sem que esta tecnologia também se metaforize nas práticas do sagrado e nelas deixem sua marca, sua gramática, sua dinâmica, sem que os suportes materiais se misturem às textualidades midiáticas que carregam. Assiste-se, na contemporaneidade, a uma implosão de saberes que assusta pela potência com que se processam nas redes digitais, pela velocidade com que trafegam e a facilidade com que se interpõem. Há uma cervejaria artesanal escondida em cada podcast cristão progressista, que convida a novas alquimias do sagrado, desconstruções e perturbações, o que faz pensar que Menocchio já deveria trazer consigo a semente do digital, mas que, só agora, recebeu seu nome.

Este trabalho, ao concentrar-se nos conteúdos progressistas de alguns podcasts de uma determinada região do planeta, assume a limitação de seu corpus e reafirma a impossibilidade de construir generalizações em torno da problemática analisada. Por uma escolha ancorada na trajetória espiritual do autor, não foram considerados podcasts conservadores. O cenário da teologia norte-americana contemporânea tem se mostrado extremamente rico em novas hermenêuticas, que levam em conta grupos histórica, social e politicamente excluídos, reinventam abordagens diferentes a problemas antigos, abandonam o cercadinho denominacional e saem em busca de sinapses alternativas de pensamento e práxis. Isto se verificou com muita clareza durante o período pandêmico, que obrigou muitas pessoas a redirecionarem sua ânsia pelo sagrado, lançando mão de novas plataformas midiáticas para se conectarem. Os podcasts, neste caso, se tornaram um alento quando se precisou atravessar mais um deserto, de muita dúvida e angústia, de questões abundantes e respostas escassas. Eles não contêm, em nenhum momento, a resposta definitiva às inquietações da alma sedenta de transformação, diante de cenários políticos avassaladores como o trumpismo e o bolsonarismo, que deixaram suas nódoas nas instituições dos dois países. Apontam, entretanto, ao fim de mais um monopólio dos discursos que a igreja e outras instituições porventura insistam em agarrar com mãos e pés. Mas se constituem apenas como condição de possibilidade, assim como as tecnologias que auxiliaram um moleiro da Renascença italiana a sacudir a poeira da religião e respirar outros ares.

REFERÊNCIAS

ARMENTROUT, Donald S.; SLOCUM, Robert Boak. **An Episcopal Dictionary of the Church: a User-Friendly Reference for Episcopalians**. New York: Church Publishing, 2000.

BASS, Diana Butler. **Christianity after religion**: the end of church and the birth of a new spiritual awakening. New York: HarperOne, 2012.

EISENSTEIN, Elisabeth. **The printing press as an agent of change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FITZGERALD, Frances. **The evangelicals**: the struggle to shape America. New York: Simon & Schuster, 2017.

FULLER, Tripp. **Divine self-investment**: an open and relational constructive Christology. Grasmere: SacraSagePress, 2020.

GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

HAVELOCK, Erick. **The muse learns to write**: reflections on orality and literacy from Antiquity to the present. New Haven: Yale University Press, 1986.

INNIS, Harold. **Empire and Communications**. Oxford: Oxford University Press, 1950.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

McLAREN, Brian. **Do I stay Christian?**: a guide for the doubters, the disappointed and the disillusioned. London: Hodder & Stoughton, 2022.

McLUHAN, Marshall. **Understanding media**: the extensions of man. London: Routledge, 1964.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

ROHR, Richard. **The divine dance**: the Trinity and your transformation. New Kensington: Whitaker House, 2016.

_____. **The naked now**: learning to see as the mystics see. New York: The Crossroad Publishing Company, 2009.

RYRIE, Alec. **Protestants**: the faith that made the modern world. New York: Penguin, 2017.

WALSH, Catherine E. The Decolonial For: Ressurgences, Shifts and Movements. In: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine E. **On Decoloniality**: Concepts, Analytics, Praxis. Durham and London: Duke University Press, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and literature**. Oxford: Oxford University Press, 1977.